

# A parcela de culpa do governo na crise

A indignação da sociedade civil não é menor do que a da sociedade militar. Hebe Camargo gritou primeiro, e mais alto, em cadeia de televisão, do que o coronel do Exército que, escondido no anonimato com a cumplicidade de repórteres, levantou a hipótese de o comandante do Esquadrão Mecanizado de Brasília, num ataque de loucura, cercar o Congresso com os seus tanques, segundo o delírio dele sob os aplausos da população.

Se tanque fosse sinal de inteligência não ficava escondido nos quartéis. A crise aberta entre os Três Poderes é política, e terá de ser resolvida politicamente. Não foi por falta da presença de militares que as coisas desandaram. Ao contrário, chegou-se a esse ponto de conflito num momento em que há militares demais e políticos de menos no governo.

Há sete generais como ministros, e praticamente

nenhum líder do governo no Congresso no momento em que estoura a confusão. Entre as infinitas virtudes do senador Pedro Simon não está a de habilidoso articulador político. O líder do governo na Câmara, deputado Luís Carlos Santos, está doente em São Paulo. O verdadeiro articulador político do governo, ministro Fernando Henrique Cardoso, encontrava-se em Washington.

Não se diminui a responsabilidade da Câmara dos Deputados pela insensatez de proteger os bolsos dos parlamentares das perdas salariais antes de cuidar dos salários dos trabalhadores e de enxergar as repercussões de sua atitude sobre o esforço de estabilização da economia. Mas o Poder Executivo, que foi tão duramente atingido por essa decisão e pela do Supremo Tribunal Federal, também tem a sua parcela de responsabilidade pelo desencadeamento da crise.